

Baixe
o **APP**

TUDO AQUI. TUDO FÁCIL!

Para vender, alugar
ou cadastrar seu imóvel.



f @valorimobiliaria

VALOR
IMOBILIARIA

Vendas: (79) 9 9985-4222

Aluguéis: (79) 9 9850-5222

www.valorimobiliaria.com.br

VITOR SAMUEL/ PMA

Prefeita de Aracaju será submetida a uma ablação nesta segunda-feira, 31; gestora suspenderá temporariamente a agenda presencial, mas não se afastará formalmente do cargo

PREFEITA EMÍLIA CORRÊA PASSARÁ POR INTERVENÇÃO CARDÍACA EM SÃO PAULO





**DEPOIS DA IGUA SERGIPE,
MELHOROU, PASSOU MAIS DE 100%.**

Manoel de Lima
AUMENTAMENTO DE 100% NA PRODUÇÃO DE CACAU EM IGUA SERGIPE

10000 400 4482
IGUA.COM.BR/SERGIPE

IGUA
SERGIPE
CUIDADO QUE
CHEGA JUNTO



ÍNDICE

TOQUE NOS TÍTULOS PARA INTERAGIR

OPINIÃO

EDITORIAL

5

AGORA É HORA DE CONVENCER

GERAL

9

VALOR IMOBILIÁRIA CELEBRA O DIA DO CORRETOR DE IMÓVEIS COM HAPPY HOUR ESPECIAL

11

COMÉRCIO, SERVIÇOS E TURISMO FAZEM APELO PARA QUE PEC DO FIM DA ESCALA 6X1 NÃO SEJA VOTADA ANTES DAS ELEIÇÕES

INFORMANDO

17

O VOTO NÃO TEM DONO

POLÍTICA

30

EMÍLIA CORRÊA VIAJA A SÃO PAULO PARA REALIZAR PROCEDIMENTO CARDÍACO

COLONISTAS

BOLSA DE MULHER

37

DO FAZER ARTESANAL AO MERCADO REAL

MULHERES & NEGÓCIOS

54

GESTÃO FINANCEIRA PREVENTIVA

CANTINHO DA CRÔNICA

58

NA MINHA INFÂNCIA, FICAR DE MAL TINHA CERIMÔNIA.

CRÔNICAS DO BEM-VIVER

63

O TEMPO QUE PERDEMOS ENTRE DUAS TELAS

ACADEMIAS EM FOCO

67

CAFÉ POÉTICO SERGIPANO CHEGA À 153ª EDIÇÃO E CONSOLIDA A TRAJETÓRIA DE INCENTIVO À LITERATURA EM SERGIPE

FILOSOFIA & POLÍTICA

72

75 ANOS DO CURSO DE FILOSOFIA DA UFS E 15 DA SUA PÓS-GRADUAÇÃO



CLIQUE AQUI

TEMOS VAGAS

ITABAIANA E N. SRA DA GLÓRIA

PCD

REQUISITOS:

Ensino médio completo;
Nível superior (diferencial);

COMPETÊNCIAS:

Boa comunicação;
Capacidade de trabalhar
em equipe;
Proatividade;
Organização;
Criatividade.



INTERESSADOS DEIXAR CURRÍCULO

NA LOJA;

PELO LINK NA BIO DO NOSSO
INSTAGRAM (TRABALHE CONOSCO);

Ou pelo WhatsApp:
(79) 9 9932-1384



**nunes
peixoto**
ONDE OS AMIGOS SE ENCONTRAM!

EDITORIAL

cinformonline.com.br

AGORA É HORA DE CONVENCER

A campanha eleitoral entrou definitivamente na casa dos sergipanos. Com o início da propaganda no rádio e na televisão, os candidatos ganharam uma nova oportunidade para apresentar suas trajetórias, explicar suas propostas e dizer, com clareza, por que desejam governar Sergipe ou representar o estado no Senado, na Câmara Federal e na Assembleia Legislativa.

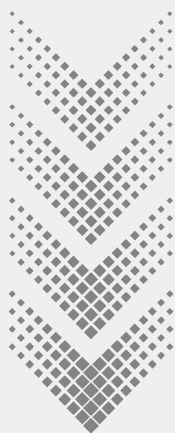
Chegou a hora de convencer. E convencer é muito diferente de apenas aparecer.

A comunicação bem-feita, a música envolvente, o cenário bonito e a imagem cuidadosamente produzida fazem parte de qualquer campanha profissional. O problema começa quando o marketing

tenta ocupar o lugar do conteúdo. O eleitor merece mais do que frases ensaiadas, dancinhas, ataques pessoais e promessas que desaparecem logo depois da votação.

Sergipe possui problemas concretos que exigem respostas igualmente concretas. A população quer saber como os candidatos pretendem reduzir as filas da saúde, melhorar a educação, recuperar as rodovias, garantir abastecimento de água, ampliar a segurança, gerar empregos e promover o desenvolvimento do interior. Não basta dizer que vai fazer. É necessário explicar de onde sairão os recursos, quais serão as prioridades e como cada compromisso poderá ser cumprido.

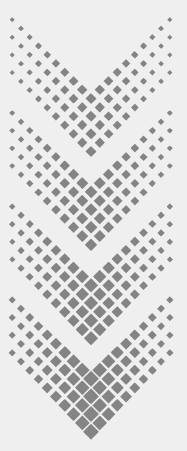
O interior, aliás, não pode servir apenas como cenário para fotografias, carreatas e discursos emocionados. Quem pede votos nos municípios precisa conhecer suas dificuldades e apresentar soluções para demandas que acompanham a população há muitos anos. Depois da campanha, as



estradas continuarão precisando de manutenção, os hospitais continuarão recebendo pacientes e as famílias continuarão cobrando oportunidades.

A eleição proporcional também não pode ser tratada como um apêndice da disputa pelo Governo. Deputados estaduais e federais terão responsabilidades decisivas na criação das leis, na fiscalização dos governos, na aprovação dos orçamentos e na destinação de recursos. Da mesma forma, o eleitor terá dois votos para o Senado e precisa analisar cada escolha com atenção.

Outro compromisso indispensável é com a verdade. Repudiar as fake news apenas durante entrevistas ou discursos não basta. Partidos, candidatos e apoiadores precisam rejeitar a mentira mesmo quando ela parece beneficiar o próprio grupo. A baixaria pode produzir curtidas e compartilhamentos, mas empobrece o debate e desrespeita o eleitorado.



Quem está no governo deve apresentar resultados e prestar contas. Quem pretende assumir o comando precisa mostrar alternativas viáveis. Quem busca um mandato parlamentar deve explicar quais causas defenderá e como exercerá sua função. A campanha precisa servir para esclarecer essas diferenças, não para escondê-las.

A democracia será fortalecida se os candidatos estiverem à altura do debate e se o eleitor acompanhar, questionar e comparar. Nos próximos dias, Sergipe será inundado por jingles, números, cores e promessas. No meio de tanto barulho, será preciso identificar quem tem preparo, propostas e compromisso verdadeiro com o estado.

A campanha começou. Agora é hora de convencer — com respeito, conteúdo e verdade.





VALOR IMOBILIÁRIA CELEBRA O DIA DO CORRETOR DE IMÓVEIS COM HAPPY HOUR ESPECIAL

A Valor Imobiliária reuniu sua equipe de corretores em uma noite de confraternização para celebrar o Dia do Corretor de Imóveis. O evento aconteceu no dia 27 de agosto, a partir das 19h, no restaurante LaVista, e contou com um Happy Hour especial embalado pela apresentação musical de Viny Santiago.

Durante a comemoração, os presentes concorreram a sorteios de brindes preparados especialmente para a

ocasião. O ponto alto da noite foi a fala do diretor Aroldo França, que agradeceu e exaltou o trabalho de todos os corretores da Valor Imobiliária, reforçando a importância da equipe para os resultados da empresa ao longo do ano.

A confraternização reforça o compromisso da Valor Imobiliária em valorizar os profissionais que fazem parte do dia a dia da empresa, reconhecendo o papel fundamental do corretor de imóveis no mercado imobiliário de Sergipe.

JORNAL CINFORMONLINE
ED. 992 | ANO 4 | 31.8.2026

CiNFORM
online



**CLIQUE AQUI
BAIXE SUA EDIÇÃO
SEMANAL**

CONHEÇA NOSSO PORTAL
WWW.CINFORMONLINE.COM.BR

COMÉRCIO, SERVIÇOS E TURISMO FAZEM APELO PARA QUE PEC DO FIM DA ESCALA 6X1 NÃO SEJA VOTADA ANTES DAS ELEIÇÕES

Campanha lançada no final de semana dos dias 29 e 30 de agosto reúne esforços em busca pela estabilidade financeira essencial para o futuro da economia brasileira

Diante do avanço no Senado Federal da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que altera a jornada de trabalho e extingue a escala 6x1, a principal entidade representativa do setor terciário brasileiro, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), ao lado de suas 34 federações e sindicatos filiados, lançam neste fim de semana (29 e 30 de agosto) uma campanha nacional conjunta com o lema: **“A conta já está alta demais. Mudança das regras do trabalho às vésperas da eleição? Agora não.”**

JORNAL CINFORMONLINE
ED. 992 | ANO 4 | 31.8.2026

CINFORM
a line

Se trata de um apelo aos Senadores que debatem a PEC que limita a carga horária nacionalmente sobre os graves riscos de



**A CONTA
JÁ ESTÁ
ALTA
DEMAIS.**

Empresas deixando o País.
Endividamento em alta.
Menos investimentos.
Créditos com juros altos
Custos aumentando.

E, agora, uma mudança profunda nas relações de trabalho pode deixar essa conta ainda maior.

Uma decisão desse tamanho exige análise, diálogo e responsabilidade.

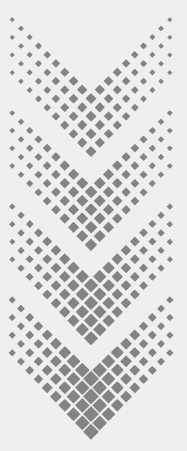
MUDANÇA DAS REGRAS DO TRABALHO ÀS VÉSPERAS DAS ELEIÇÕES?

AGORA NÃO.

CNC · Fecomércio SE · Sindicatos Empresariais

Sistema Comércio

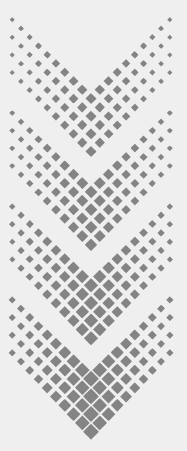
Cuidar de pessoas nos aproxima



acelerar uma mudança constitucional rígida sobre a jornada de trabalho em um momento de acentuada fragilidade econômica. O setor produtivo destaca que a economia brasileira já enfrenta condicionantes severos: juros altos, crédito caro e restritivo, endividamento recordes das famílias, inadimplência sem precedentes entre as empresas, desinvestimento e saída de empresas estrangeiras do País.

Ao mesmo tempo, o fim da Taxa das Blusinhas, um agravante na concorrência desleal para o varejo nacional, também é avaliado como parte do pacote de aprovações em um período sensível em que interesses políticos atravessam escolhas econômicas.

Impor uma elevação abrupta nos custos operacionais — em um setor onde mais de 90% da mão de obra atua no regime 6x1 — significará repassar esse peso para o consumidor final em forma de inflação, gerando retração de vagas e aumento da informalidade, além do já mapeado



prejuízo aos empresários que pagam impostos de importação muito maiores do que são isentados da Taxa da Blusinhas. O presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros, reforça a necessidade de responsabilidade e ponderação no debate legislativo neste contexto.

“O setor terciário não se opõe ao debate sobre o bem-estar do trabalhador, mas uma decisão dessa magnitude exige análise técnica, diálogo e profunda responsabilidade. A conta para quem produz e emprega no Brasil já está alta demais. Votarmos esta alteração constitucional drástica nas relações de trabalho, de forma apressada e às vésperas de um processo eleitoral, é colocar em risco a estabilidade de milhões de micro e pequenas empresas e a própria manutenção dos empregos formais de toda a cadeia produtiva.

O caminho seguro continua sendo a negociação coletiva, que respeita as realidades de cada região e setor. Agora é o momento de preservar a economia e garantir a segurança jurídica do País.”

A confederação apela aos senadores da República por sensatez e serenidade, defendendo que a readequação de jornadas ocorra via convenções coletivas de trabalho, em respeito à soberania das decisões negociadas entre trabalhadores e empregadores, conforme previsto na constituição atual desde a reforma trabalhista de 2017. Temas como este e a taxação de importações diretas geram custos e efeitos a curto, médio e longo prazo que demandam um debate maior e sem a pressa dos prazos eleitorais.

JORNAL CINFORMONLINE
ED. 992 | ANO 4 | 31.8.2026



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

CiNFORM
online



**CLIQUE AQUI
BAIXE SUA EDIÇÃO
SEMANAL**

CONHEÇA NOSSO PORTAL
WWW.CINFORMONLINE.COM.BR



Aluguel Residencial

Cód. 4932

Bairro Jardins

VALOR

Exclusivo



Mobiliado

Neo Residence Jardins



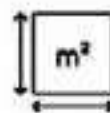
2 Quartos



1 Suíte



2 vagas



76 m²

R\$ 6.500,00

Condomínio: R\$ 565,78



Entre em contato

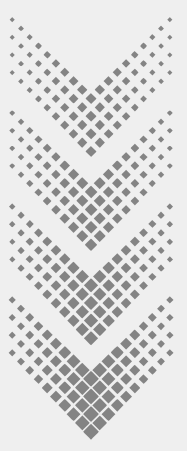
(79) 9 9850-5222



O VOTO NÃO TEM DONO

Com a campanha nas ruas, reaparece uma velha mania da política: a tentativa de transformar apoio de liderança em escritura de propriedade sobre o voto alheio. Prefeitos anunciam que “darão” tantos votos, vereadores apresentam comunidades como currais eleitorais e candidatos exibem fotografias com aliados como se cada aperto de mão trouxesse uma urna debaixo do braço. Não é assim. Liderança pode orientar, influenciar, mobilizar e abrir portas. Mas o voto continuará pertencendo exclusivamente ao eleitor.

O Pacto Sergipano pela Democracia, Liberdade do Voto e Prevenção ao Assédio Eleitoral, firmado por instituições como TRE-SE, MPT-SE, Ministério Público, Polícia Federal e Justiça do Trabalho, chega em boa hora. O documento

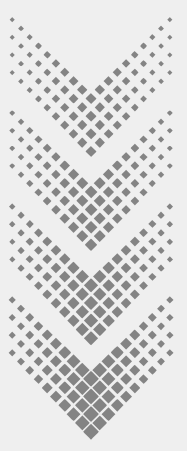


trata de situações graves: pressão, ameaça, intimidação, promessa de vantagem, retaliação e uso de estruturas institucionais para interferir na escolha política de trabalhadores e cidadãos.

Não se trata de mera formalidade. Em períodos eleitorais, a pressão pode aparecer disfarçada de conselho, cobrança de gratidão, ameaça ao emprego ou suposta obrigação com determinado grupo político. No serviço público, também pode surgir na tentativa de misturar função institucional, cargo comissionado e atividade de campanha. É preciso estabelecer limites claros.

Apoio político legítimo é aquele declarado de forma pública, voluntária e transparente. O que ultrapassa essa fronteira deixa de ser articulação e passa a ser constrangimento. Ninguém deve votar com medo de perder emprego, contrato, benefício ou oportunidade.

As máquinas partidárias importam. Prefeitos, vereadores e lideranças



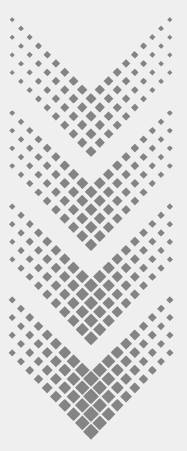
comunitárias ajudam a organizar campanhas e aproximar candidatos da população. Mas eleição não é operação de transporte de votos. O eleitor não é carga, rebanho nem patrimônio político. Pode ouvir uma liderança pela manhã e votar em outro candidato à tarde. Essa liberdade não enfraquece a política. É justamente o que preserva a democracia.

SÁUDE

A intervenção cirúrgica que Valmir de Francisquinho precisou se submeter, interrompeu temporariamente sua agenda. A todo momento foi informado que o candidato estava clinicamente estável e apresentava evolução satisfatória. Antes de qualquer cálculo eleitoral sobre a pausa na campanha, o que deve prevalecer é o respeito. Campanha pode esperar. Saúde, não. Que Valmir se recupere plenamente e retorne ao debate no momento adequado.

COMEÇOU I

Na última sexta-feira, 28, começou a exibição do horário eleitoral gratuito



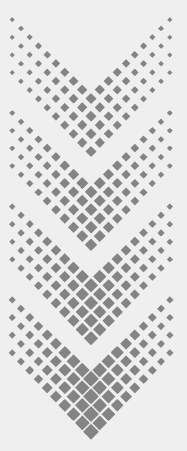
na TV e rádio. Isso irá permitir que uma parcela do eleitorado conheça candidatos que, até agora, circulam principalmente nas redes sociais e nos ambientes partidários. É também o momento em que a campanha deixa de falar apenas com militantes e começa a buscar quem ainda não escolheu em quem votar.

COMEÇOU II

Fábio Mitidieri terá 4 minutos e 43 segundos em cada bloco destinado ao Governo. O tempo permite prestar contas, mostrar obras, apresentar propostas, responder críticas e construir uma narrativa completa. Trata-se de uma vantagem política expressiva. Valmir terá pouco mais de um minuto. O desafio de sua equipe será transformar escassez em objetividade.

COMEÇOU III

Com 2 minutos e 17 segundos, Ricardo Marques recebeu uma oportunidade que poucos candidatos posicionados em terceiro lugar costumam ter. O tempo é suficiente para ampliar seu



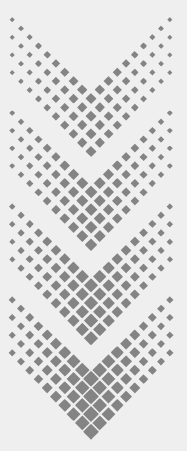
conhecimento, apresentar propostas e tentar escapar da condição de coadjuvante da polarização. Se continuar falando apenas para o eleitorado já identificado com o PL, poderá desperdiçar a melhor janela de sua campanha.

CHEGA DE COREOGRAFIA

A primeira etapa da campanha confirmou o domínio das dancinhas, músicas repetidas e vídeos preparados para tentar alcançar engajamento. Criatividade é bem-vinda, mas política não pode ser reduzida a coreografia. Depois de assistir ao candidato dançar, o eleitor continua sem saber o que ele pensa sobre saúde, educação, emprego e segurança. Curtida anima a equipe. Proposta é o que justifica o voto.

HISTOGRAMA

A Operação Histograma colocou contratos de limpeza urbana de Aracaju sob investigação. A Polícia Civil cumpriu 12 mandados de busca e apreensão e apura possíveis fraudes,



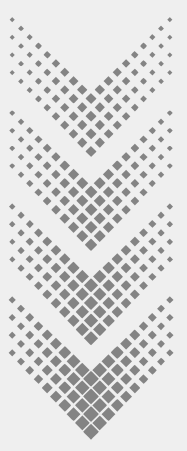
direcionamento e pagamento de vantagens indevidas. A Prefeitura de Aracaju informou que colabora com as investigações, forneceu documentos e acompanhará o caso por meio da Procuradoria e da Controladoria.

CENÁRIO CONHECIDO

A candidata a deputada federal Susane Vidal utilizou o cenário do SE 1, da TV Sergipe, para aparecer em seu programa eleitoral. O objetivo foi remeter ao ambiente de um telejornal. Depois de quase três décadas entrando diariamente na casa dos sergipanos pela televisão, a candidata aproveita uma imagem já consolidada para criar familiaridade e confiança.

FOGO AMIGO

A disputa pelas duas vagas do Senado está produzindo uma situação curiosa: candidatos que aparecem juntos na fotografia oficial, mas trabalham separados — e, em alguns casos, uns contra os outros. Dentro das próprias chapas, falta espaço para tanta



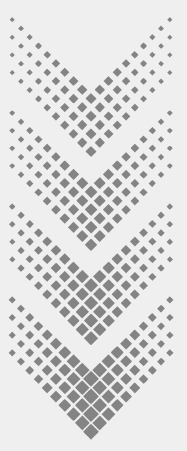
vaidade, interesse eleitoral e desejo de protagonismo. Publicamente, todos falam em unidade; nos bastidores, cada um protege o próprio território e olha o companheiro como adversário. A briga está tão acirrada que o “fogo amigo” já chegou a virar vias de fato entre apoiadores de algumas chapas.

EDVALDO

O ex-prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira, tenta transformar sua passagem pela Prefeitura de Aracaju em argumento para o Senado. Foram 14 anos de gestões, então, ele possui realizações para apresentar para a população. Candidato a uma vaga no Senado, Edvaldo precisa ocupar TV, rádio e redes sociais com todo seu trabalho nos últimos anos, afinal de contas, isso sempre deu força política ao nome de Edvaldo.

FORÇA I

O prefeito Luciano de Menininha chega à campanha eleitoral credenciado pelo trabalho realizado em Propriá. Com



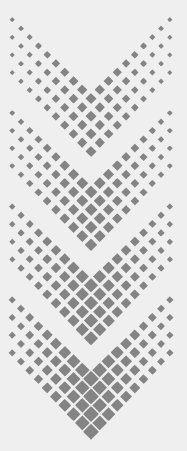
uma gestão enxuta, firme e organizada, vem arrumando a casa, recuperando serviços e entregando resultados em áreas importantes, como saúde, educação, infraestrutura e turismo. Esse desempenho fortalece sua liderança política e lhe dá autoridade para apresentar nomes, construir alianças e pedir o apoio da população aos candidatos que defenderá nesta eleição.

FORÇA II

Luciano não entra na campanha apenas como cabo eleitoral, mas como prefeito que tem trabalho para mostrar e resultados para sustentar suas escolhas. Apoiando Fábio Mitidieri, Alessandro Vieira, André Moura, Levi Oliveira e Marcel de Maim, Luciano também está em campo pedindo votos em Propriá e outras cidades.

BARRA NO TABULEIRO

A Barra dos Coqueiros terá peso relevante na disputa proporcional. O município cresceu, recebeu investimentos e formou novas



lideranças políticas. Nesse cenário, o atual presidente da Câmara, Wilson Bernardes, ocupa posição estratégica pela capacidade de diálogo com os vereadores e pela proximidade com as demandas locais. Campanhas estaduais certamente olharão para a Barra com maior atenção.

CAPILARIDADE

Adailton Martins chega à campanha respaldado por serviços prestados e por uma atuação marcada pelo trabalho em favor do desenvolvimento de Sergipe. Sua presença em diferentes municípios não começou com o período eleitoral: é resultado de relações políticas construídas ao longo dos anos, do diálogo permanente com lideranças e da atenção às demandas do interior. Em uma disputa proporcional, essa capilaridade representa uma vantagem importante para quem conhece o estado, mantém as portas abertas e tem trabalho para apresentar à população.

SAÚDE

Tiago Rangel disputa uma cadeira na Assembleia Legislativa pelo Podemos e colocou a saúde no centro da apresentação de sua candidatura. A escolha está relacionada à passagem do candidato pela Superintendência Estadual do Ministério da Saúde, experiência que vem sendo mencionada em seus materiais de campanha. A trajetória de Tiago Rangel inclui cerca de cinco anos de atuação no Ministério da Saúde. Durante esse período, participou da interlocução do órgão federal com o Estado e os municípios. Esse histórico administrativo está sendo utilizado pela candidatura para apresentar propostas relacionadas ao SUS e ao acesso da população aos serviços de saúde.

EMPRESÁRIO CALOTEIRO I

O presidente da Federação Sergipana de Futebol, Milton Dantas, não economizou palavras ao comentar o rebaixamento do Confiança para a Série D do Campeonato Brasileiro. A crítica pública à SAF mostra que a crise ultrapassou os limites do

clube e ganhou dimensão institucional. Quando o dirigente máximo do futebol sergipano pergunta “o que será do Confiança?”, é porque a falta de respostas já se tornou parte do problema.

EMPRESÁRIO CALOTEIRO II

Durante entrevista, Miltinho fez falas fortes contra a SAF. “Eles acham que Sergipe é terra de tolos. Eles vão ver mais pra frente”. E ele foi ainda mais longe: “Vocês conhecem os donos da SAF? Eu sei que teve um empresário sergipano que assinou pra comprar o Confiança e deu calote de 9 milhões de reais. Quando a documentação estiver em minhas mãos, eu vou dizer quem é o empresário caloteiro”, denunciou Miltinho. Quem será esse empresário?

CRÍTICAS E SUGESTÕES

viana.jornalista@gmail.com

CiNFORM *a line* | comercial@cinformonline.com.br



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS



Aluguel Residencial

Cód. 9079

Bairro Jardins

VALOR

Mobiliado



Exclusivo

Neo Residence Jardins

3 Quartos

1 Suítes

2 Vagas

80 m²

R\$ 6.500,00

Condomínio: R\$ 687,10



Entre em contato

(79) 9 9850-5222

● ● ● >> WWW.CINFORMONLINE.COM.BR

ANUNCIE AQUI! CINFORMONLINE

.....

SEGUNDA A SEXTA

**AGORA FICOU
MAIS FÁCIL
PUBLICAR
SEUS EDITAIS
E LICENÇAS
AMBIENTAIS**

CONTATO

CLIQUE AQUI



**CONTATE SUA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE OU
CLICANDO [AQUI](#) E FALE DIRETAMENTE CONOSCO**
Elenaldo Santana (79) 99949-9262

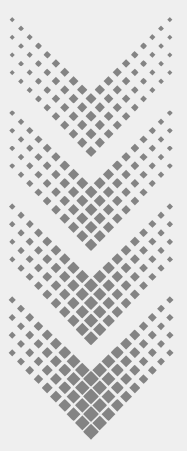
Email: comercial@cinformonline.com.br





EMÍLIA CORRÊA VIAJA A SÃO PAULO PARA REALIZAR PROCEDIMENTO CARDÍACO

A prefeita de Aracaju, Emília Corrêa, anunciou neste domingo, 30, através das suas redes sociais, a necessidade de uma intervenção cardíaca para a correção de uma arritmia cardíaca. No anúncio, a prefeita informou que viajaria ainda no domingo para São Paulo, onde será submetida a uma ablação cardíaca já nesta segunda-feira, 31.



A antecipação do procedimento foi recomendada pela equipe médica após a gestora apresentar um episódio de mal-estar no sábado, 29. Emília realizou exames cardiológicos de rotina na última sexta-feira, 28. No dia seguinte, depois de sentir o mal-estar, retornou para uma reavaliação médica, já com os resultados dos novos exames.

De acordo com as informações divulgadas pela Prefeitura de Aracaju, a prefeita é acompanhada pelo cardiologista Fabrício Anjos em razão de uma arritmia cardíaca assintomática. O quadro vinha sendo tratado com medicamentos e acompanhamento periódico.

Após analisar o estado clínico da gestora e os exames mais recentes, a equipe médica decidiu antecipar a ablação cardíaca, procedimento que já fazia parte do tratamento planejado para Emília. Por recomendação dos profissionais responsáveis, a intervenção será realizada em São Paulo.

Apesar da suspensão temporária dos compromissos presenciais, não haverá afastamento formal do cargo. Nos três dias seguintes ao procedimento, a prefeita deverá cumprir apenas agenda administrativa de forma remota. Com isso, não está prevista a transmissão do comando da Prefeitura ao vice-prefeito Ricardo Marques.

A retomada das atividades presenciais acontecerá gradualmente e dependerá de uma nova avaliação da equipe médica. Após receber alta hospitalar, Emília permanecerá sob



CLIQUE AQUI
BAIXE SUA EDIÇÃO
SEMANAL

CONHEÇA NOSSO PORTAL
WWW.CINFORMONLINE.COM.BR

acompanhamento profissional durante o período de recuperação.

Em nota, a administração municipal informou que o funcionamento da Prefeitura e a prestação dos serviços públicos à população não sofrerão alterações durante esse período.

ENTENDA O PROCEDIMENTO

A ablação cardíaca é utilizada no tratamento de alterações no ritmo dos batimentos do coração. Geralmente realizada por meio de cateteres introduzidos pelos vasos sanguíneos, a técnica utiliza calor ou frio para criar pequenas cicatrizes no tecido cardíaco e bloquear os sinais elétricos responsáveis pela arritmia. O procedimento é considerado minimamente invasivo.





Aluguel Comercial

Cód. 12351

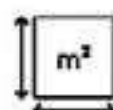
 **Bairro Jardins**

 **VALOR**

Melhor localização do
Jardins



Excelente Terreno Comercial



720 m²

R\$ 12.000,00

Condomínio: R\$ -



Entre em contato

(79) 9 9972-5447



Aluguel Residencial

Cód. 4980

Bairro Mosqueiro



Apto Mobiliado



Condomínio Portal dos Trópicos



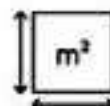
3 Quartos



1 Suíte



2 Vagas



125 m²

R\$ 5.000,00

Condomínio: R\$ 900,00



Entre em contato

(79) 9 9850-5222



Aluguel Comercial

Cód. 8867

Bairro Jardins



Exclusivo

Neo Office Jardins



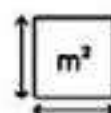
3 salas



1 WC



1 Vaga



39 m²

R\$ 9.000,00

Condomínio: R\$ 1.024,02



Entre em contato

(79) 9 9850-5222



DO FAZER ARTESANAL AO MERCADO REAL

“Do fazer artesanal ao mercado real.” Mais que uma frase, um caminho para transformar talento, identidade e tradição em oportunidade, renda e desenvolvimento.

Areia Branca abre um novo capítulo para o artesanato ao aproximar tradição, empreendedorismo, tecnologia e terceiro setor. No dia 28 de agosto, Areia Branca voltou a colocar o artesanato no centro de uma discussão que há muito precisava ganhar força: como transformar o talento



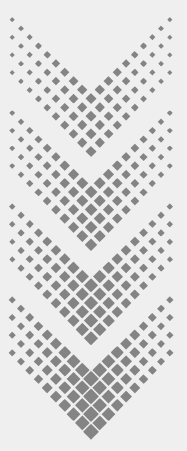
de quem produz com as próprias mãos em oportunidade real de mercado, sem perder a identidade, a memória e a cultura do território. Mais do que um encontro, o evento promovido pela Associação de Aquicultura 360, em parceria com o Grupo Mulheres do Brasil – Núcleo Aracaju e com a participação do Sebrae Sergipe, reuniu mais de 60 artesãos e participantes de Areia Branca e região em torno de uma agenda que une empreendedorismo, qualificação, inovação, tecnologia e economia criativa.

O encontro mostrou uma realidade que muitas vezes permanece invisível: existe uma economia acontecendo dentro das casas, pequenos ateliês e comunidades.



São homens e mulheres que dominam técnicas, transformam diferentes matérias-primas, preservam saberes e carregam histórias que fazem parte da identidade de Areia Branca. O desafio é fazer com que esse patrimônio cultural também seja reconhecido como atividade econômica capaz de gerar renda.

Participaram desse momento a consultora do Sebrae Lea Duarte e Daniel Lucas, analista da Unidade de Atendimento Coletivo e Competitividade (UAC) do Sebrae Sergipe. A presença do Sebrae fortalece uma ponte necessária entre o conhecimento de quem produz e as ferramentas de quem pode contribuir



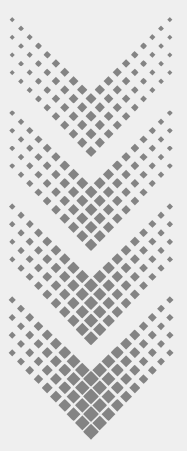
para profissionalizar essa produção. Gestão, precificação, planejamento, posicionamento, divulgação e acesso ao mercado não podem permanecer distantes da realidade do pequeno artesão. Produzir bem é essencial, mas saber quanto custa produzir, como apresentar uma peça, como encontrar compradores e como construir uma relação permanente com o mercado é igualmente importante.

Também participei desse encontro como presidente da Associação de Aquicultura 360 e líder do Grupo Mulheres do Brasil – Núcleo Aracaju. Para quem vive o terceiro setor, porém, essa construção vai muito além dos cargos. Desenvolvimento local se faz no território. É preciso ouvir, conhecer as dificuldades, identificar potencialidades, aproximar parceiros e, principalmente, acreditar que aquilo que existe dentro de uma comunidade pode se transformar em oportunidade para as próprias pessoas que vivem nela. Areia Branca tem matéria-prima, cultura, artesanato,

gastronomia, aquicultura, mulheres empreendedoras, criatividade e uma juventude que precisa enxergar perspectivas também dentro de seu município. O que muitas vezes falta é conexão. E foi justamente dessa constatação que apresentamos o Projeto Casa da Cultura e o Aquicultura 360 Hub Criativo, iniciativas pensadas para aproximar o fazer artesanal da inovação, da tecnologia, da formação e do mercado.

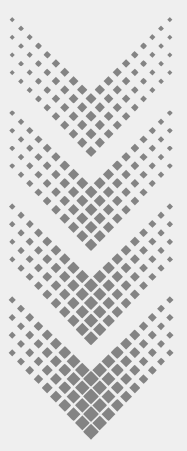
O conceito que orienta o Hub Criativo pode ser resumido em cinco verbos: conecta,





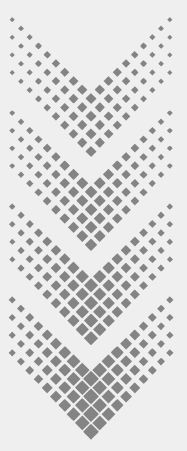
inova, forma, divulga e vende. Conectar artesãos a empresas, instituições, profissionais e consumidores. Inovar sem apagar a tradição. Formar para que talento também se transforme em empreendimento. Divulgar para romper as fronteiras geográficas do município. E vender, porque desenvolvimento econômico precisa chegar à renda de quem está na ponta.

Durante muito tempo, falar de artesanato significou quase exclusivamente falar de cultura. É evidente que o artesanato é cultura, memória e identidade. Mas ele também é economia. Quando uma artesã vende uma peça, compra matéria-prima, utiliza transporte, contrata serviços, reinveste na produção e leva dinheiro para dentro de sua casa. Quando dezenas de artesãos fazem isso de maneira organizada, estamos falando de uma cadeia produtiva que pode contribuir diretamente para a economia de um município. É por isso que precisamos tirar a economia criativa



do discurso e colocá-la na vida real. Economia criativa precisa significar oportunidade para quem cria. Precisa chegar à artesã que produz, mas ainda não sabe formar corretamente seu preço; ao produtor que tem qualidade, mas não sabe fotografar seu produto; à mulher que possui habilidade, mas nunca pensou naquilo como negócio; ao jovem que pode descobrir no design, na comunicação, na fotografia, no audiovisual ou no comércio digital uma profissão ligada à própria comunidade.

Um dos caminhos mais promissores dessa nova etapa está justamente na aproximação entre aquicultura e artesanato. Aquicultores que cultivam tilápias em Jacarecica II participaram do encontro e integram uma cadeia que poderá abrir espaço para um trabalho inovador com o aproveitamento do couro da tilápia. A perspectiva é avançar na capacitação para transformar esse material em biojoias, acessórios e outros produtos artesanais. Essa possibilidade representa muito do que entendemos por



inovação. Um material que poderia ter utilização limitada ganha valor através do conhecimento, do design e do trabalho artesanal. Aquicultura, sustentabilidade, moda, artesanato e economia circular passam a conversar dentro de um mesmo território.

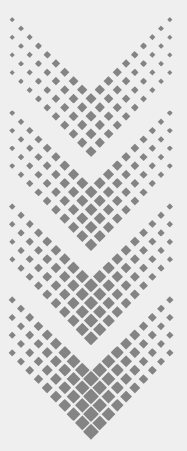
Imagine uma peça produzida em Areia Branca, utilizando couro de tilápia proveniente de Jacarecica II, transformada pelas mãos de um artesão da região e apresentada ao consumidor acompanhada da história de sua origem. Essa peça deixa de ser simplesmente um acessório. Ela passa a carregar território, identidade e narrativa.

É justamente essa autenticidade que pode diferenciar o artesanato local em um mercado cada vez mais interessado em procedência, sustentabilidade e produtos com história. O mundo está cheio de objetos produzidos em escala. O artesanal oferece algo que a produção industrial dificilmente consegue reproduzir: a presença de quem fez.



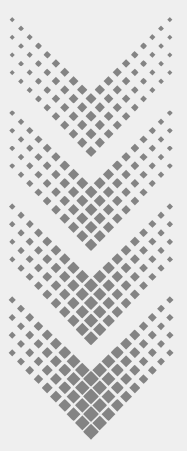
Mas é preciso cuidado para não romantizar essa realidade. Artesão também paga conta. Compra matéria-prima, investe tempo, precisa de equipamentos, transporte e espaço para trabalhar. Seu conhecimento possui valor. Sua hora de trabalho possui valor. Sua criatividade possui valor. Profissionalizar o artesanato não significa retirar sua essência. Significa permitir que quem preserva essa essência consiga viver dela com dignidade.

Nesse processo, a parceria com o Sebrae é estratégica. A participação de Lea Duarte e Daniel Lucas aproxima o artesão de uma visão de mercado que precisa caminhar junto com a



criatividade. Daniel Lucas atua na Unidade de Atendimento Coletivo e Competitividade do Sebrae Sergipe, uma área diretamente relacionada ao fortalecimento de segmentos, grupos produtivos e ambientes capazes de ampliar sua competitividade. É exatamente esse diálogo que queremos aprofundar: conhecimento técnico encontrando conhecimento popular, sem que um tente substituir o outro.

O artesão conhece aquilo que faz. Instituições de apoio podem ajudá-lo a transformar esse conhecimento em um negócio mais estruturado. Quando existe respeito entre essas duas experiências, quem ganha é o território. É também nesse ponto que o terceiro setor demonstra sua importância. A associação que hoje conduz a Aquicultura 360 possui uma trajetória de 26 anos. Uma associação organizada não é apenas um CNPJ. É uma ferramenta coletiva capaz de identificar demandas, reunir pessoas, construir projetos e aproximar comunidade, poder público,



empresas, universidades e instituições de desenvolvimento. O terceiro setor não existe para substituir o Estado nem para ocupar o lugar da iniciativa privada. Existe, entre outras funções, para construir pontes. E acredito profundamente em pontes. Se uma instituição possui conhecimento que pode ajudar uma comunidade, precisamos aproximá-la. Se uma universidade pode pesquisar novas aplicações para uma matéria-prima, precisamos conversar. Se uma empresa pode abrir mercado, precisamos criar conexão. Se o poder público dispõe de políticas capazes de beneficiar aqueles trabalhadores, precisamos fazer com que a informação chegue até eles.

Desenvolvimento não deveria ser uma disputa para descobrir quem aparece mais. Deveria ser uma construção para descobrir quantas pessoas conseguimos fazer avançar. O Projeto Casa da Cultura também nasce dessa compreensão. Não queremos uma Casa da Cultura limitada a quatro paredes. O espaço físico é importante porque cria referência,

pertencimento, convivência, exposição e encontro, mas o mundo mudou e a cultura também precisa ocupar o ambiente digital. A proposta é construir um espaço vivo, onde artesãos possam expor, aprender, trocar experiências, produzir conteúdo, receber capacitações e encontrar oportunidades, ao mesmo tempo em que seus produtos possam ser fotografados, catalogados, divulgados e comercializados através das plataformas digitais.

A feira continuará sendo importante. O contato presencial continuará sendo importante. Mas o artesão não pode depender de uma feira realizada algumas vezes durante o ano para conseguir vender. A internet eliminou muitas fronteiras. Uma peça produzida em Areia Branca pode ser apresentada em Aracaju pela manhã e despertar o interesse de um consumidor em São Paulo à tarde. O celular que hoje está na mão do artesão pode se transformar em sua vitrine.

Para isso, porém, é necessário formação. Não adianta simplesmente dizer para



alguém “venda pela internet”. É preciso ensinar fotografia de produto, vídeo, redes sociais, atendimento, meios de pagamento, embalagem, logística, segurança digital e relacionamento com o consumidor. Tecnologia só faz sentido quando resolve problemas reais.

Se a tecnologia ajuda uma artesã a vender mais, existe inovação. Se permite que um aquicultor encontre nova utilização para aquilo que produz, existe

inovação. Se aproxima um jovem de uma profissão, existe inovação. Se transforma um material em biojoia, gera renda e ainda reduz desperdício, existe inovação. Se faz o nome de Areia Branca chegar a outros mercados, existe desenvolvimento.

Existe ainda outro passo fundamental: construir identidade territorial. Areia Branca precisa reconhecer aquilo que possui e aprender a apresentar essa riqueza. O artesanato pode conversar com a aquicultura; a aquicultura, com a gastronomia; a gastronomia, com o turismo; o artesanato, com a moda e o design; a cultura, com a tecnologia. Quando essas áreas deixam de trabalhar isoladamente, começam a surgir novas cadeias de valor.

Não queremos que os artesãos de Areia Branca sejam lembrados apenas quando houver um evento. Queremos que seus produtos sejam vistos, que suas histórias sejam contadas e que suas criações encontrem compradores. Queremos que eles conheçam seus

custos, valorizem suas técnicas e compreendam que aquilo que produzem possui valor cultural e econômico.

O encontro do dia 28 de agosto demonstrou que existe uma base disposta a avançar. Mais de 60 participantes reunidos representam muito mais que um número. Representam pessoas, famílias, experiências e expectativas. O desafio agora é transformar mobilização em organização, organização em capacitação, capacitação em qualidade, qualidade em mercado e mercado em renda.

Depois de 26 anos vivendo o terceiro setor, aprendi que transformação social raramente acontece através de uma única grande ação. Ela acontece quando alguém começa, outra pessoa acredita, uma instituição se aproxima, uma porta é aberta e a comunidade percebe que pode ocupar espaços que antes pareciam distantes. Foi isso que começamos a enxergar em Areia Branca. Não estamos anunciando que todos os problemas foram resolvidos. Estamos dizendo



algo mais responsável: um caminho está sendo construído. Jacarecica II tem aquicultores e produção. Areia Branca tem artesãos e criatividade. Temos parceiros capazes de agregar conhecimento. Temos uma associação preparada para construir conexões, o Grupo Mulheres do Brasil participando dessa articulação e o Sebrae contribuindo com sua experiência.

Areia Branca pode viver um novo tempo na arte, na cultura e no artesanato. Esse novo tempo, porém, não chegará pronto. Será construído pelas mãos de quem produz, pelo conhecimento de

quem capacita, pela coragem de quem empreende, pelas instituições que decidirem olhar para o território e por um terceiro setor que continue fazendo aquilo que está em sua essência: reunir pessoas e transformar possibilidades em caminhos concretos.

No final, nosso objetivo é muito simples e, ao mesmo tempo, enorme: fazer com que o talento existente em Areia Branca gere oportunidade para quem vive em Areia Branca. Do fazer artesanal ao mercado real. A frase estampada na camisa não é apenas uma assinatura de projeto. É o compromisso de transformar criatividade em oportunidade, preservar nossas raízes sem deixar de olhar para frente e fazer com que Jacarecica II, Areia Branca e seus artesãos sejam protagonistas desse novo tempo.

LÍCIA MELO

Jornalista / Hubmark / Empreendedora Cultural e Social - **@bolsademulhernews**



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

Administradora, Especialista
em Gestão de Pessoas e em
Logística

► Email
monalizamyrlamenezes@gmail.com



GESTÃO FINANCEIRA PREVENTIVA

Uma dívida pode começar pequena, mas crescer silenciosamente até colocar em risco a sobrevivência de uma empresa. Um imposto que não foi pago no prazo, uma conta que ficou para o mês seguinte ou um fluxo de caixa mal planejado podem parecer problemas pontuais. Quando se acumulam, porém, podem transformar-se em um passivo difícil de administrar. Por isso, cuidar das finanças não deve ser uma preocupação apenas quando o dinheiro falta, mas uma prática constante. Segundo o Sebrae (2026), o planejamento financeiro permite ao empreendedor projetar receitas e despesas e tomar decisões com maior segurança, contribuindo para a sustentabilidade do negócio.

O número de empresas que acionaram a Justiça para Recuperação Judicial, ou seja, renegociar suas dívidas e evitar a falência subiu para 986 no segundo trimestre de 2026. Isso representa uma alta de 20% em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados dessa semana na G1. E inadimplência Geral, os indicadores consolidados pela Serasa Experian apontam que o país atingiu o pico histórico de 9,1 milhões de CNPJs negativados. As micro e pequenas empresas concentram 95% desse montante, (Poder360, 2026).

Mas quais estratégias para evitar a inscrição de empresas em dívida ativa e o que fazer para não entrar nessa estatística? A prevenção começa com organização. A empresa precisa saber exatamente quanto recebe, quanto gasta e, principalmente, quais obrigações estão próximas do vencimento. Controlar o fluxo de caixa, separar as despesas pessoais das empresariais, acompanhar os tributos e manter um calendário financeiro são

atitudes simples que podem evitar problemas maiores. A Receita Federal (2026) informa que existe a possibilidade de regularização dos débitos antes da inscrição em Dívida Ativa da União, o que reforça a importância de acompanhar a situação fiscal e agir antes que a pendência avance.

No mundo dos negócios, esperar o problema aparecer pode custar muito mais caro do que preveni-lo. Uma gestão financeira eficiente permite identificar sinais de dificuldade, reorganizar despesas, buscar alternativas e negociar débitos antes que eles comprometam a empresa. Por isso, talvez a pergunta mais importante para o empresário não seja “como sair da dívida ativa?”, mas “o que estou fazendo hoje para não chegar até ela?”. Afinal, empresas sustentáveis não são aquelas que nunca enfrentam dificuldades, mas aquelas que conseguem identificá-las a tempo e tomar decisões antes que pequenas dívidas se transformem em grandes problemas.



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS



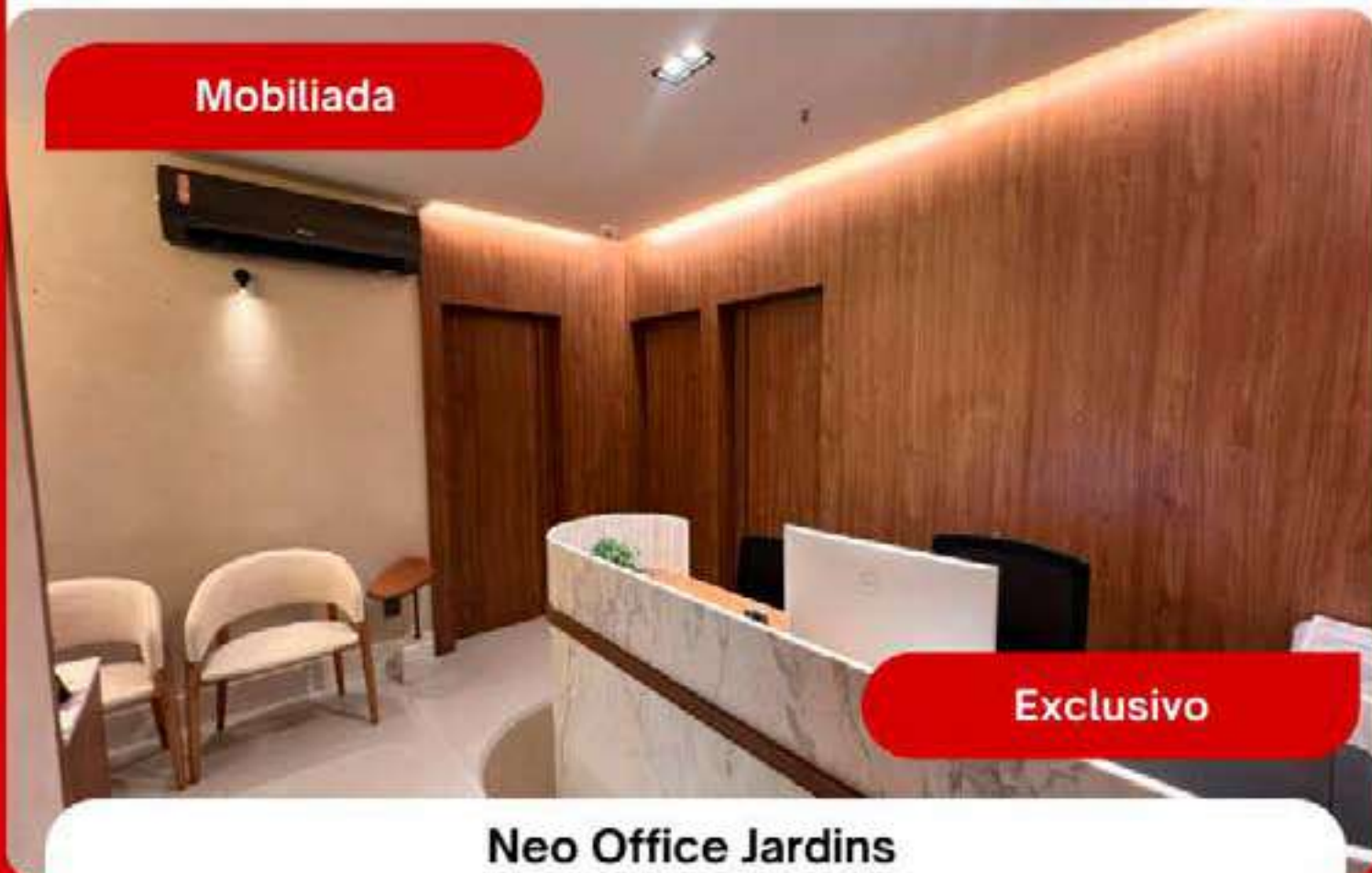
Aluguel Comercial

Cód. 12695

Bairro Jardins



Mobiliada



Exclusivo

Neo Office Jardins



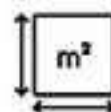
4 Salas



1 WC's



1 Vagas



80 m²

R\$ 12.000,00

Condomínio: R\$ 616,58



Entre em contato

(79) 9 9850-5222

Cantinho da *Crônica*

Educadora
Cris Souza



NA MINHA INFÂNCIA, FICAR DE MAL TINHA CERIMÔNIA.

Não bastava brigar, virar o rosto ou decidir que não falaria com alguém. Era preciso oficializar o rompimento.

Juntávamos os dois dedos indicadores e dizíamos:

— Corte aqui.

A outra criança vinha com o indicador e passava de cima para baixo entre os dois dedos unidos.

Pronto.

Estávamos de mal.

Era um tratado de rompimento assinado sem papel, sem testemunhas e sem advogado. A partir daquele instante, não se falava. Pelo menos era essa a

intenção. Porque criança também tem orgulho.

Passávamos uma pela outra fazendo de conta que não víamos. Se fosse irmão, a situação ficava ainda mais complicada, porque era preciso continuar dividindo a casa, a mesa, às vezes o quarto, sustentando solenemente aquela inimizade. Mas havia uma coisa extraordinária naquele ritual que talvez tenhamos esquecido quando crescemos: existia o caminho de volta.



Quando chegava a hora de ficar de bem, os dedos se encontravam novamente.

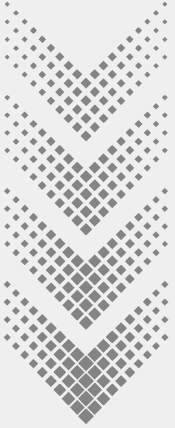
Só que o movimento era outro.

Em vez de cortar de cima para baixo, separando, o dedo fazia o caminho de baixo para cima.

E pronto.

Estávamos de bem.

Não me lembro de discursos.



Ninguém fazia análise minuciosa sobre quem começara, quem ofendera primeiro, quem tinha mais razão ou quem deveria procurar quem. Eram duas crianças que, em algum momento, descobriam que continuar brincando juntas valia mais do que sustentar a briga.

Crescemos.

E sofisticamos tanto as nossas relações que talvez tenhamos complicado também o perdão. Hoje irmãos passam anos sem se falar. Amigos que dividiram décadas deixam de se procurar.

Famílias atravessam aniversários, Natais, doenças e mortes carregando silêncios que começaram, algumas vezes, por coisas que ninguém consegue explicar direito.

Esperamos um telefonema. Um pedido de desculpas. O reconhecimento de que houve um erro. E, claro, o primeiro passo. Enquanto esperamos, os anos passam. Talvez tenhamos aprendido muito sobre como cortar.

Bloqueamos.

Excluímos.

Apagamos o número.

Saímos do grupo.

Deixamos de cumprimentar.

Atravessamos a rua.

Ficamos de mal.

Só esquecemos o segundo movimento.

Aquele de baixo para cima. O que desfazia simbolicamente aquilo que havíamos decidido num momento de raiva. Talvez aquelas crianças soubessem alguma coisa que nós, adultos, esquecemos: nem toda ruptura precisa transformar-se em eternidade.

Há pessoas que não devem voltar para a nossa vida. Há relações que precisam mesmo terminar. Crescer também é aprender limites. Mas nem toda distância nasceu de algo irreparável. Algumas nasceram do orgulho. Outras, de uma palavra atravessada. E há aquelas que começaram tão pequenas que hoje já não conseguimos lembrar por que se tornaram tão grandes.

Por isso, se enquanto lê esta crônica algum nome lhe veio à cabeça, talvez não tenha sido por acaso.

Pode ser um irmão.

Uma irmã.

Um amigo.

Alguém com quem você gostaria de conversar novamente, mas já nem sabe como começar.

Não precisa juntar os dedos.

Nós crescemos.

Mas talvez ainda possamos recuperar a sabedoria daquele gesto.

Pegue o telefone.

Mande uma mensagem.

Diga:

— Vamos ficar de bem?

Às vezes, uma vida inteira fica esperando que alguém tenha coragem de fazer o movimento de baixo para cima.

Cris Souza – Educadora

Instagram @educadoracris

Email cristinasouza35@hotmail.com



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS



CRÔNICAS DO BEM-VIVER

JOSÉ ADERVAL ARAGÃO

Médico e professor titular da UFS

O TEMPO QUE PERDEMOS ENTRE DUAS TELAS

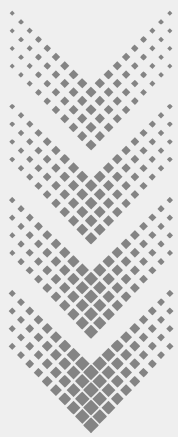
Houve um tempo em que a voz precisava viajar para chegar até nós. Ela saía de um aparelho preso à parede, preso à casa, preso a um lugar fixo no mundo — e, por isso mesmo, presa a um instante de presença. Para falar com quem amávamos, era preciso estar ali, naquele cômodo, naquela hora combinada, naquela expectativa que se acumulava entre o toque e o atendimento.

Quem não tinha o aparelho em casa descobria o caminho até o orelhão, ou até aquela agência onde a distância se encurtava por alguns minutos pagos. A comunicação era um gesto de esforço, e talvez por isso fosse tão valorizada. Hoje, a voz não precisa mais viajar: ela está



sempre disponível, sempre ao alcance, sempre pronta. E, no entanto, algo se perdeu nessa facilidade. Observamos as ruas e vemos multidões de cabeças baixas, dedos deslizando, olhos presos a pequenas luzes que brilham mais do que o mundo ao redor. No trânsito, onde a atenção deveria ser sagrada, os olhos se desviam para uma mensagem que não pode esperar. Os acidentes se multiplicam, o fluxo se arrasta, e ninguém parece disposto a soltar o aparelho por um instante sequer.

A ironia é profunda: nunca estivemos tão conectados e, paradoxalmente, nunca estivemos tão ausentes. Nos restaurantes, famílias inteiras se sentam



à mesma mesa e não trocam uma palavra — cada um mergulhado no seu próprio universo particular, separados por centímetros e por abismos. O que deveria ser o momento do encontro tornou-se o momento do isolamento. Falamos mais com desconhecidos distantes do que com aqueles que partilham o mesmo teto, o mesmo pão, o mesmo sangue.

A pergunta que nos atravessa é filosófica e incômoda: o que ganhamos, e o que sacrificamos, nessa troca silenciosa? Ganhamos a velocidade, a informação, a possibilidade de estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Sacrificamos, talvez, a arte da espera, a paciência do encontro, a profundidade do olhar. A comunicação instantânea nos deu tudo, menos a presença. E a presença é justamente aquilo que nenhuma mensagem pode substituir.

Voltar ao telefone fixo seria, evidentemente, um retrocesso absurdo — ninguém em sã consciência deseja renunciar às conquistas do presente. Mas a nostalgia não pede que voltemos;

pede apenas que nos lembremos. Que lembremos que a tecnologia é um instrumento, e não um fim. Que o aparelho existe para servir ao encontro, e não para substituí-lo. Que a vida acontece entre duas telas, mas também — e principalmente — fora delas. Talvez a sabedoria não esteja em abandonar o celular, mas em reaprender a guardá-lo. Em escolher, conscientemente, os momentos em que ele fica de lado: à mesa, no trânsito, diante de quem amamos. Em redescobrir que a conversa mais valiosa não é aquela que chega em segundos, mas aquela que se constrói com tempo, com escuta, com presença. Pois, no fim, o que permanece não são as mensagens que enviamos, mas os encontros que vivemos — e esses, nenhuma tela será capaz de substituir.

José Aderval Aragão - Sergipano, graduado em medicina pela Universidade Federal de Sergipe, com Especialização em Cirurgia Vascular, Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo, Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe. É membro das Academias Sergipana de Medicina, Educação, Letras, bem como das Academias Independente de Letras de Pernambuco e Intercontinental de Escritores. É escritor, poeta, coautor de várias antologias e autor de diversos livros e artigos científicos.



ACADEMIAS EM FOCO



Educadora
Cris Souza

Escritora, poeta,
jornalista e pedagoga



CAFÉ POÉTICO SERGIPANO CHEGA À 153ª EDIÇÃO E CONSOLIDA A TRAJETÓRIA DE INCENTIVO À LITERATURA EM SERGIPE

Por **Cris Souza** | [Academias em Foco](#) | [Jornal Cinform](#)

Criado em 2013, movimento reúne escritores, leitores e amantes da literatura em encontros mensais realizados em Aracaju

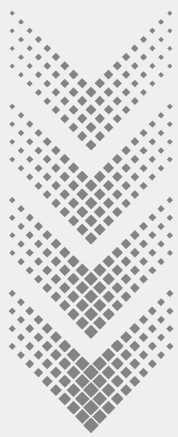
O Café Poético Sergipano realizou neste domingo, 30 de agosto, sua 153ª edição, reafirmando uma trajetória de quase 13 anos dedicada à literatura, à valorização de escritores e à formação de uma comunidade de leitores em



Sergipe. O encontro aconteceu na Livraria Escariz, em Aracaju, reunindo integrantes do movimento em mais uma tarde de convivência em torno dos livros e da palavra.

Fundado em 14 de dezembro de 2013, o Café Poético Sergipano é coordenado pela educadora, escritora e jornalista Cris Souza e mantém encontros presenciais, geralmente realizados no último domingo de cada mês.

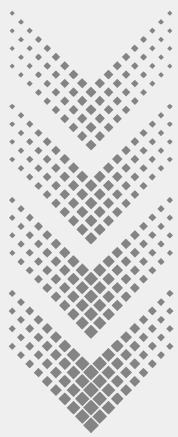
A proposta é aproximar escritores, poetas, leitores, artistas e pessoas interessadas em literatura, criando um ambiente aberto tanto para autores com trajetória consolidada quanto para aqueles que estão começando a



apresentar publicamente sua produção. Ao longo dos anos, os encontros têm reunido declamações, leituras de poemas e crônicas, rodas de conversa, apresentações de escritores, homenagens, divulgação de livros e outras atividades culturais.

A continuidade do projeto é um dos aspectos que marcam sua história. A realização de 153 edições representa a permanência de uma iniciativa cultural independente que atravessou diferentes momentos da vida cultural sergipana sem abandonar a proposta de reunir pessoas presencialmente em torno da literatura.

Além dos encontros mensais, o Café Poético desenvolve ações voltadas à valorização de seus integrantes. Entre elas estão o Poeta do Mês, que destaca a produção poética dos participantes, e o Membro Destaque do Mês, criado para reconhecer membros por sua participação, trajetória ou contribuição ao movimento.



As atividades também se estendem ao ambiente digital. Pelas redes sociais e pelo grupo de WhatsApp, os participantes compartilham poemas, crônicas, lançamentos, notícias, convites, oportunidades e conquistas relacionadas à literatura e à cultura.

Neste mês de agosto, o grupo alcançou a marca de 250 integrantes, ampliando uma rede que começou com encontros presenciais e hoje mantém contato permanente entre pessoas ligadas às letras.

Para Cris Souza, a longevidade do Café Poético está relacionada principalmente ao sentimento de pertencimento construído ao longo dos anos.

“O Café Poético não pertence a uma única pessoa. Ele é feito pelas vozes que chegam, pelos poemas que são compartilhados, pelos livros que circulam e, sobretudo, pelas pessoas que continuam acreditando que a literatura também precisa de encontro”, afirma.

Aos 153 encontros realizados, o Café Poético Sergipano segue conciliando tradição e renovação. Entre livros, conversas e novas vozes, o movimento mantém uma proposta iniciada em 2013: fazer da literatura não apenas uma experiência de leitura, mas também de convivência.

Cris Souza – Educadora

Instagram @educadoracris

Email cristinasouza35@hotmail.com



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

**CLIQUE AQUI
BAIXE SUA EDIÇÃO
SEMANAL**

CONHEÇA NOSSO PORTAL
WWW.CINFORMONLINE.COM.BR

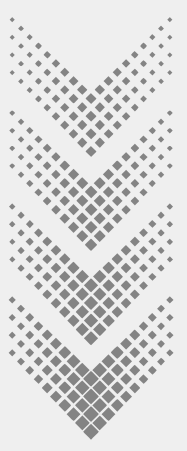
FILOSOFIA E POLÍTICA



ANTÔNIO CARLOS
PROFESSOR DA UFS

75 ANOS DO CURSO DE FILOSOFIA DA UFS E 15 DA SUA PÓS-GRADUAÇÃO

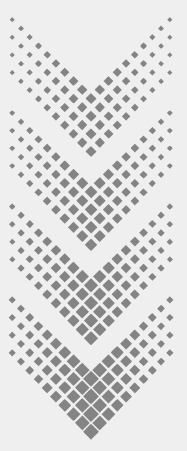
No Livro I, verso 203 da Eneida, o herói Eneias e seus companheiros acabam de enfrentar uma tempestade terrível enviada por Juno. A chegada à desconhecida costa, ainda que exaustos e desconfiados pelo porvir, Eneias esconde a sua própria angústia no peito e disfarça a dor no rosto para encorajar os seus homens deprimidos e famintos, lembrando-os de que o sofrimento atual passará e um dia virará memória. É neste momento que Eneias diz a célebre frase, numa tradução um pouco livre: “Talvez algum dia nos dê prazer recordar essas coisas”.



Neste momento de celebração dos 75 anos do Departamento de Filosofia, 15 anos do Programa de Pós-graduação em Filosofia e 34 anos dedicados à docência e à pesquisa na UFS, o Professor Edmilson Menezes e eu, talvez possamos dizer como Enéias: hoje, temos prazer em recordar boa parte desta história. Focarei dois aspectos, um no passado, e outro no presente.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, penso que nós demoramos muito a fundar uma Pós-graduação porque, de um lado, nós tínhamos perdido a tradição de outrora, a da Faculdade de Filosofia de Sergipe, uma vez que o curso tinha acabado, os Professores foram reduzidos a fornecedores de disciplinas para terceiros, sem um espaço próprio e, portanto, sem uma identidade; por outro lado, o novo corpo docente formado a partir da reinstalação do curso que não apresentava uma inteireza capaz de ter clareza sobre que tipo de curso de filosofia se desejava constituir.

Além disso, mesmo que o projeto tenha sido discutido em várias instâncias e

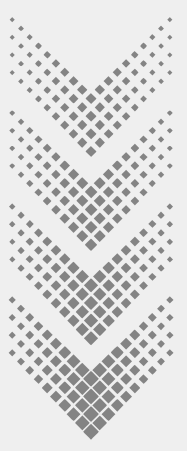


aperfeiçoado na sua estrutura interna, havia algo que não garantia a sua plena execução: a diversidade de seu corpo docente do ponto de vista da formação. Boa parte dos Professores tinha ensinado na antiga FAFI e foi educada por um tipo de Filosofia confessional, formada em seminários e cuja base de ensino era o manual. Um exemplo disso são os vários exemplares do livro “Noções de História da Filosofia”, de autoria do Pe. Leonel Franca, da ordem dos jesuítas, publicado entre as décadas de 1910 e 1940, que exerceu centralidade no processo de ensino da filosofia no século passado. Registro aqui que não há demérito nesta formação, apenas uma constatação da mudança de perfil de docentes distintos que tivemos que lidar durante um certo tempo.

É verdade que uma boa parte deste corpo docente fez um enorme esforço para aprofundar a formação, fazendo mestrado e alguns, doutorado. Mas na nova configuração não tinha ninguém com o doutorado em Filosofia. Ou seja, mesmo com os novos tempos

e exigências, o ensino filosófico que vigorava ainda preponderava as hastes das Universidades eclesiásticas com formação confessional.

Vimos, assim, um período de grande ajuste e, no limite, de tensão, entre esse grupo nada homogêneo, com formação distinta, com um público jovem querendo um tipo de filosofia mais secular, leiga e diversa. A I Semana de Filosofia que realizamos, com a presença da Profa. Scarlett Marton (USP) foi pensada já com este espírito novo, de visão crítica, de uma Filosofia mais técnica, profissional e leiga. Este embate de dois tipos de Filosofia distintos vai chegar ao ponto de precipitar a aposentadoria de boa parte dos antigos Professores por não encontrarem mais seu lugar neste novo cenário recém-instalado no Departamento. Foi neste ambiente nebuloso que boa parte se aposentou e cujo governo da época não autorizava novos concursos. O resultado é que as turmas iniciais foram formadas por vários Professores substitutos, muitos deles nem sempre comprometidos com



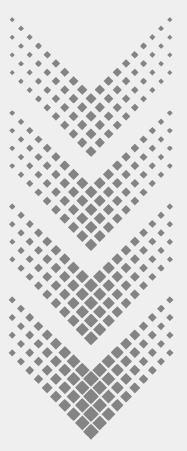
o Departamento, e por uma estrutura interna extremamente precária, chegando ao ponto de sermos ameaçados de perdermos o status de Departamento e voltarmos à antiga posição ou à de Núcleo. Na condição de Chefe da casa no período, tive que enfrentar várias reuniões nada delicadas para manter o número de Professores e, conseqüentemente, o próprio Departamento.

Felizmente os novos ventos sopraram e com eles concursos que possibilitaram a vinda de uma parte de Professores da Paraíba e outra parte do Rio e São Paulo. Embora a nova configuração do Departamento tivesse uma visão mais homogênea do ponto de vista da formação, ou seja, tenha sido formada a partir de um viés mais técnico e profissional da Filosofia, ela foi eivada de um conflito que, a rigor, poderia ser chamado de “embates filosóficos”, mas na prática foram simplesmente políticos. Esta segunda fase do corpo docente do DFL foi extremamente delicada em função da instabilidade política interna,

que conduzia a preocupações individuais, não obstante as nossas lutas, do Prof. Edmilson Menezes e minha, para que tivéssemos um mestrado em casa.

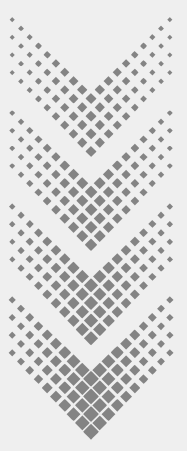
Efetivamente este cenário só pôde modificar-se quando, nos primeiros anos do segundo milênio, alguns colegas partiram para outras plagas; outros chegaram com espírito novo e, com maior número de docentes, os conflitos políticos se diluíram, sendo possível maior diálogo e compromisso de termos na UFS uma Pós-graduação qualificada.

Assegurar a nossos bons alunos a continuidade na sua formação nesta instituição foi uma grande luta interna ao DFL, mas também institucional, de infinitas reuniões pelos corredores e salas da UFS para haver garantias de espaço, de verba e de presença física em nossas atividades. Ao ser aprovada a proposta do Mestrado e sendo seu primeiro coordenador, continuamos no mesmo espírito de ousadia e de crescimento. Pouco tempo depois de funcionamento, nosso Programa



conseguiu várias verbas em editais públicos (PROMOB, PROAF, dentre outros) e em seguida pôde se fortalecer a tal ponto de organizar a XVII Reunião Anual da ANPOF, em 2016, em que pela primeira vez realizamos nas dependências de uma Universidade, a nossa UFS. Tenho imensa satisfação de ter sido o organizador local e de ter contado com a brava colaboração de vários colegas da casa. Então, penso que só conquistamos esses passos ao longo desses 15 anos porque tínhamos projetos coletivos que muito nos exigiu dedicação e esforço.

No que diz respeito ao segundo aspecto, penso que uma das fases mais difíceis pelas quais nós, enquanto Departamento, passamos foi quando cada um ficou enredado em seus projetos individuais sem pensarmos num elo comum que pudéssemos nos unir. Cada um vestia sua própria camisa e fazia o mínimo exigido sem se envolver com a vida propriamente do Departamento. Sim, o DFL tem uma dinâmica, tem uma rotina que, por vezes, pode ser muito penosa



para quem está na Chefia, razão pela qual nós estabelecemos há muitos anos um rodízio entre os Professores, dos mais velhos para os mais novos, de tal modo que cada um de nós deva passar por essa experiência que, embora difícil, é também de aprendizagem, de conhecimento da mecânica interna e burocrática da instituição. Não querer fazer parte dessa Tradição é uma forma de não se envolver com a vida do Departamento, o que sobrecarrega outros colegas e gera instabilidade política interna. Assumir a chefia pode ser tarefa ingrata, mas não é o fim do mundo, não é o tormento eterno como muitos pintam. O importante é que ao ser investido ou investida de tal tarefa, deve se comprometer com a manutenção das conquistas feitas na casa e no seu aperfeiçoamento visando a melhoria constante do curso. Penso que foi este espírito que nos moveu nesses 75 anos de existência.

Então, a pergunta que eu faço é: sim, estamos celebrando 75 anos de curso de Filosofia, mas o que nós temos como

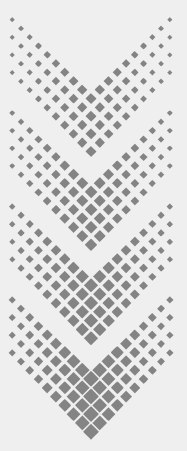
projeto de Departamento para melhorá-lo doravante? Que Departamento ou curso queremos à beira dos 80 anos? Sim, temos a nota 5 no ENADE; sim, temos 5 no Doutorado; sim, já organizamos uma ANPOF. Mas, e agora? Quais são os projetos coletivos para os próximos anos? Temos algo que nos envolva enquanto grupo ou basta fazer o minimum minimorum? Vamos continuar ousando, pensando grande ou vamos ficar na pequenez e na miudeza, naquele valor absoluto mais baixo possível, abaixo do qual nada mais existe?

Três pontos têm me movido a mente e gostaria de compartilhar com os leitores:

Em primeiro lugar, penso que conseguimos, grosso modo, ajustar uma proposta razoável do novo currículo de Filosofia, embora ainda não fechada. Isso é algo que nos une e penso que interessa diretamente a todos, docentes e discentes, e que nós devemos nos unir em torno de determinados objetivos. Evidentemente que temos discordâncias, mas elas não podem

estar acima daquilo que nos aproxima. Há anos que o projeto do novo currículo está parado e esperamos um desfecho bem-sucedido e com alguma rapidez.

Em segundo lugar, estou me perguntando por onde anda o projeto do Bacharelado de Filosofia, que há anos se discute e nunca pusemos para andar. Sabemos que tal modalidade não aumenta a nossa carga horária e possibilitaria maior consistência teórica para o Programa de Pós-graduação. Não consigo entender por qual razão há resistência contra esta proposta. Como diminuámos nossa carga horária em relação às metodologias, penso que não há motivo para nos opormos ao bacharelado. Penso que estamos perdendo o bonde da realidade à medida que ignoramos uma parcela de estudantes que não estão interessados na carreira docente: a de pesquisador pode ser uma alternativa importante que possibilite vitalidade ao curso à beira de seu octogenário aniversário. Em terceiro e último lugar, nem por isso menos importante, eu estou me perguntando sobre o estado da arte



da Filosofia em terras dos Serigys, em seus diferentes gêneros literários. Isto não quer dizer que eu esteja evocando a possibilidade de uma Filosofia Sergipana ou algo do gênero, mas pensar o local com o seu vínculo universal. Num momento em que tanto se fala tanto em Filosofia no Brasil, o que temos de material sobre a Filosofia produzida em Sergipe? Quais suas perspectivas? Numa época em que se discute tanto o ensino de Filosofia, qual o cânone daquilo que já foi produzido no passado e no presente? Ignoro se existe algo assim no DFL, mas penso que se trata de um importante tributo àqueles que fizeram história antes de nós, para além dos já consagrados Tobias Barreto ou Sílvio Romero.

Por fim, eu penso que o DFL ainda não fez uma justa homenagem ao Prof. Edmilson Menezes. Ele fez da Filosofia a alma mater do Departamento. Digo isso não em razão de minha *philia* intelectual ao colega, mas porque lembro que, ainda na condição de Professor substituto, ele desencavou o projeto antigo mal-sucedido que separava

os departamentos geminados e liderou, com a ajuda de colegas, todo o processo de reabertura do curso e do Departamento num momento delicado, que foi logo após a abertura política do país. Nesses 34 anos que convivemos, sou testemunha de seu empenho, dedicação e honestidade filosófica na condução dos trabalhos nesta casa. Penso que ele levou a cabo a máxima horaciana, tão bem lida e interpretada na pena kantiana: ousa saber! Do meu ponto de vista, o Prof. Edmilson Menezes ousou que seria possível um Departamento de Filosofia sério, e que, de alguma forma pudesse dialogar com as várias regiões do país, de modo particular, com os grandes centros filosóficos nacionais e alguns no exterior.

Por tudo isso, conseguimos muitas coisas para os estudantes e para nós mesmos. E isso muito nos satisfaz, para lembrarmos Virgílio, mais uma vez.

● **Antônio Carlos dos Santos (UFS/CNPq)** - é professor de Ética e Filosofia Política da UFS e Líder de Grupo de Pesquisa. Política.



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO ECM-EDIÇÃO
COMUNICAÇÃO E MARKETING EIRELIDESDE DEZEMBRO
DE 2019**EDITOR CHEFE****Fábio Viana**

Jornalista DRT/SE | 1327

viana.jornalista@gmail.com

 (79) 9.9981-1711**EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA****Altemar Oliveira**

oliveiraltemar@gmail.com

 (79) 9.99823-0398**COLUNISTAS****Antônio Carlos dos Santos****Antonio José Pereira Filho****Cris Souza****Evaldo Becker****José Aderval Aragão****Lícia Melo****Saulo H. S. Silva****DEPARTAMENTO COMERCIAL****DIRETOR: Elenaldo Santana** (79) 9.9949-9262**Email:** comercial@cinformonline.com.br**ENDEREÇO**

Rua Sílvio César Leite nº 90 - Salgado Filho Aju/SE – CEP: 49055-540

Telefone: **(79) 3085 - 0554** – CNPJ 35.851.783/0001-00